

# De Corumbiara à O Território: estratégias de resistência indígenas<sup>1</sup>

Caio Helmer Gomes de Carvalho (UNIR RO)

## Resumo

O presente trabalho se debruça sobre os documentários “Corumbiara” (2009) e “O Território” (2022) com o intuito de traçar paralelos e semelhanças entre os materiais propostos, para que se possa realizar uma análise crítica acerca do momento de edição das películas, e o atual momento histórico e político. Conta também com o recorte tanto etnográfico como geográfico, pois, ao se privilegiar tais documentários, enquanto objeto de pesquisa, busca-se investigar uma realidade local, onde se aborda a realidade dos povos indígenas e os desafios para a sua sobrevivência no estado de Rondônia, localizado ao norte do país.

Para a realização da análise sociológica, foram feitas a análise textual filmica, tal qual idealizada por Bill Nichols, e instrumentalizada por Casetti e Di Chio, em Como analisar un film. O método se constitui em dois momentos fundamentais para o processo: a decomposição e a recomposição do filme. No primeiro momento, a decomposição, se constitui a segmentação do filme e a análise desses segmentos. Já num segundo momento, é feita a inferência dos dados coletados e analisados. Para além do método de análise textual filmica, a pesquisa também conta com estudo qualitativo e bibliográfico acerca dos conflitos socioambientais.

A partir da análise textual filmica dos documentários propostos, é possível aferir a “adaptação” por parte dos indígenas no estado de Rondônia, em relação aos anos que se seguiram entre um “primeiro contato”, como exposto no documentário de Vincent Carelli, “Corumbiara”. Verificou-se, também, a instrumentalização tecnológica obtida pelos indígenas retratados em “O Território”, da etnia Uru-Eu-Wau-Wau. Tal processo além de retratar a realidade, foi utilizada para o auxílio da sua própria existência e resistência, diante dos avanços neocoloniais, e predatórios frequentemente associados ao capitalismo à brasileira em expansão, que vão de encontro ao seu modo de vida.

Com a análise qualitativa, para além da análise textual dos filmes, é exequível o enfoque nos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais retratados nos filmes documentários, para que se possa investigar e analisar os conflitos socioambientais que se seguem nas relações desenvolvidas diante das películas estudadas. Identificando assim os atores sociais e políticos contidos nos documentários e os seus interesses, assim como os impactos que causados pelo “aluguel capitalista do chão” (WOOD; FOSTER, 1999) que, travestido de desenvolvimento, diante dos investimentos públicos-privados, que colocam em risco a vida dos povos autóctones da Amazônia. Mas, não só estes, como os únicos a serem afetados com a destruição da natureza, mas toda a vida na terra, em última escala.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

**Palavras-chaves:** Amazônia; Resistência Indígena; Neoextrativismo.

## **Introdução**

É a partir da vertente da sociologia da arte que, com autores como Theodor Adorno, Walter Benjamin, György Lukács, Frederic Jameson, entre outros, que a presente pesquisa se realiza, analisando as manifestações artísticas indissociáveis da sociedade, e em seu bojo as produções do cinema documentário, ao qual será aqui abordado, privilegiando as obras de Vincent Carelli e Alex Pritz, em *Corumbiara* e *O Território* respectivamente. Utiliza-se para a investigação as contribuições metodológicas de Bill Nichols e Casetti e Di Chio para a análise do conteúdo presente nas películas produzidas pelos diretores.

Ao se apropriar do cinema e as suas confluências diretamente do contexto histórico e social, ou seja o meio ao qual se é realizada a produção, o tempo e espaço em que fora constituída a obra em questão, são aqui evidenciados e colocados em análise, para que, juntamente com a sociologia ambiental, no qual esta busca compreender as relações existentes entre o homem e a natureza, e os estudos acerca dos conflitos que decorrem dessa relação envolvendo os avanços neocoloniais e econômicos, e o equilíbrio ecológico necessário para a manutenção da vida de comunidades originárias e tradicionais, inicialmente, e é com base em tais abordagens que é feita a análise sociológica.

Assim, é com a análise sociológica referida que se configura a identificação dos atores políticos e sociais envolvidos em tais conflitos, assim como os seus interesses e motivações. Onde, tais interesses e motivações, juntamente com as redes que a envolvem são os elementos aos quais a sociologia ambiental se desdobra e atua. Pois, através das relações entre a terra e o homem, como aponta Fleury, Almeida e Premebida busca-se:

“Investigar a emergência e configuração de conflitos ambientais, atentando-se às possibilidades de interpretações das relações sociedade-natureza expressas, é em suma concentrar-se nas interações sociais e naturais articuladas durante os conflitos, visando identificar posições e mapear as alianças e coalizões presentes nos embates políticos, mas também observar elementos cosmológicos, identitários e subjetividades subjacentes à configuração dos conflitos. É, em suma, concentrar-se nas interações sociais, entre humanos e seres outros que humanos articulados durante o conflito, analisando-os em interações e nos movimentos de coprodução nos quais estão envolvidos, salientando as interpretações das relações entre humanos e seres outros que humanos mobilizadas nos conflitos.”

Com isso, a pesquisa tem como objetivos a identificação e o mapeamento dos atores sociais envolvidos nas películas, suas motivações e suas redes de interesses que compõem os conflitos representados em *Corumbiara* e *O Território*, para que com a análise filmica e os aportes da sociologia ambiental, se possa articular as propostas em que as duas obras se convergem em seus conteúdos, onde mesmo com 13 anos de diferença entre seus lançamentos, ambas retratam a luta e resistência indígena, a mesma luta pela sobrevivência de o primeiro contato entre os povos originários e seus algozes. Estes que, como veremos no decorrer da pesquisa, obedecem a uma lógica colonialista, que teve seu germinar no século XV em meio a colonização das américas, e que vigora até os dias atuais, em meio a modernidade do século XXI. Logo, o que é evidenciado assim, é a existência do conflito

ambiental que perpassa séculos de resistência contra a morte de culturas, e em escala global em última instância, a vida de povos autóctones e comunidades tradicionais, em prol de uma modernidade predatória e economicamente rentável.

Para além disso, é possível perceber as maneiras nas quais a cosmovisão indígena, assim como a sua cultura, é sobrepujada em nome de um desenvolvimento que mata e destrói os recursos naturais e seu modo de vida. Nota-se com isso, que os processos de colonização foram e são adaptados diante da globalização, que, como apontam Garzon, Silva e Ribeiro, os avanços neocoloniais se configuram em conjunto com as forças do Estado, expandindo as fronteiras do agronegócio que, “consumam-se celeremente pelo grau de interpenetração dos consórcios empresariais com os aparelhos governamentais regulamentadores e fiscalizadores.”

Ao utilizar-se do imaginário acerca da temática da relação homem x natureza, e aqui, a utilização capitalista desse imaginário, é evidenciado o controle e domínio das narrativas, onde estas ainda se encontram em um lugar exógeno à amazônia, com um olhar que prioriza a matéria-prima e sua apropriação, que como Chagas, Hecktheuer P., Hecktheuer F. reconhecem “a percepção da Amazônia, a forma como é vista e compreendida, passa a ter um papel fundamental, sobretudo pelo grande estoque de matéria-prima que possui, pela colônia ‘energético-mineral’ na forma como é sondada e definida”. Assim, ao se controlar o discurso acerca da amazônia, o que se observa é a atribuição ao indígena e suas culturas como entraves ao desenvolvimento, como também a alienação enquanto a negação da natureza e a dissociação do homem com a natureza, enquanto meio ao qual o próprio homem é gerado e, assim, é vista apenas como algo à ser metabolizado para o acúmulo capitalista das riquezas que possui.

## **Cinema e sociedade**

A escolha do material para a análise se dá pela emergência dos conflitos socioambientais, e a sua escassez de materiais para análise. A objetividade para com a desvendar os meios pelos quais são construídas a perspectiva espoliativa para com a Amazônia e seus habitantes.

Assim, ao se privilegiar as películas aqui discutidas, busco aqui trazer à luz a necessidade de se projetar um olhar atencioso de dentro da Amazônia, e endógeno à Amazônia que visa a sua preservação e manutenção das vidas amazônicas. A confluência de fatores que desaguam diante da Amazônia, dando a essa pesquisa o caráter endógeno e etnográfico, sendo estas o fato de que Corumbiara do diretor Vincent Carelli e O Território de Alex Pritz, são produções realizadas ao norte do país, e mais especificamente em Rondônia, terra da qual também é realizada a pesquisa que se segue. Rondônia, assim como os demais estados que compõem a Amazônia brasileira, é tida como à margem do desenvolvimento, e às quais os olhos têm se voltado como a última fronteira a ser superada para os investimentos capitalistas. Seria tal recorte espacial que guia e fundamenta a pesquisa realizada.

O cinema como uma arte produzida em meio a sociedade pelo homem, traz consigo em seu meio o cinema documentário, em que este se difere do cinema ficcional mediante ao que, como sinaliza Bill Nichols, a categoria documentário

“[...] não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. Julgamos uma reprodução por sua fidelidade ao original - sua capacidade de se parecer com o original, de atuar como ele e de servir aos mesmos propósitos. Julgamos uma representação mais pela natureza do prazer que ela proporciona, pelo valor das ideias ou do conhecimento que oferece e pela qualidade da orientação ou da direção, do tom ou do ponto de vista que instila.”

Com isso, é possível a inferência do conteúdo reproduzido pelo documentário, seu tempo e espaço, assim como a perspectiva que os diretores almejam evidenciar. E, aqui trabalhando junto a Vincet e Alex, é exequível a compreensão da situação à qual se encontram os conflitos ambientais em Rondônia, entre os anos de 1986 em Corumbiara, e 2022 em TI (Terra Indígena) Uru-Eu-Wau-Wau, localizada próxima de Guajará Mirim e a região da Serra do Pacaás Novos. Logo, diante de tal recorte temporal é de se constatar a disputa por terras decorrentes da partilha da Amazônia ainda na década de 1960, através do leilão durante o governo militar, como aponta Carelli em Corumbiara. Estes que tinham como pano de fundo os lemas de soberania nacional, e os incentivos aos ciclos migratórios, como “terras sem homens, para homens sem terra” e “ocupar para não entregar”, o diretor salienta também que, tal medida acaba por ser mais lucrativa para quem compra as terras leiloadas, do que para quem vende, Carelli conta também que a medida tem seu desfecho na composição dos latifúndios. Ou seja, o baixo valor na venda possibilitou o arremate das terras por um mesmo grupo familiar.

Metodologicamente a pesquisa é conduzida de ordem cronológica, sendo assim realizada a análise textual fílmica partindo de Corumbiara, e posteriormente O Território. A análise textual fílmica é composta pela decomposição e recomposição. A decomposição inicia-se com a segmentação ou divisão do filme em blocos amplos e cerrados sobre si mesmos, para continuar progressivamente fracionando o em unidades do maior para o menor. E a partir de então se estabelece a fase de recomposição, quando se dá uma descrição minuciosa e uma interpretação pessoal dos dados, tendo como foco os conflitos socioambientais na Amazônia presente nos filmes.

Com a análise proposta, a pesquisa busca compreender a importância que é dada à Amazônia para o Brasil e o mundo. Identificando através dos registros etnográficos a resistência indígena, que desde seu primeiro contato na gleba de Corumbiara, até 2022, período ao qual se encerra as gravações de O Território, e concomitantemente, este que por sua vez fora gravado em meio ao governo de Jair Messias Bolsonaro, figura fortemente influente no país, e com poderes políticos que, como representado na película, alimentavam e incentivavam a degradação do meio ambiente colocando em risco a vida indígena. Tais registros se mostram de suma relevância na medida em que, assim como conta Vincent, diretor e antropólogo, se “registre evidências da existência de indígenas na região”. Ou seja, ao decorrer de 36 anos que se seguem de um documentário para o outro, a comunidade indígena ainda luta para comprovar a sua existência e reivindicar seus direitos. É interessante notar também a semente plantada por Vincent Carelli, onde logo no início de Corumbiara, o diretor apresenta o projeto de “Vídeo nas aldeias”, onde o projeto consistia em filmar os indígenas e em seguida mostrara o conteúdo filmado. É a partir de então que,

Vincent é chamado a buscar evidências que comprovem a existência de indígenas na região, da etnia Kanoe, Akuntsu e também o “índio do buraco”, último da sua etnia no estado de Rondônia. Nota-se então que a união que se plantou ainda em 1986, seria de extrema importância para sua sobrevivência, uma vez que a tecnologia como câmeras de vídeo, foto e até mesmo em drones como representado em O Território. Isso demonstra que a utilização da tecnologia, como gravação de vídeos e captação de imagens se provou uma forte aliada à causa indígena. Registrando e immortalizando a cultura assim como a resistência aos avanços neocoloniais. O registro feito pelo diretor Vincent, e o modo ao qual é confeccionado caracteriza, como aponta Cláudia Mesquita, se configura como “filme-processo”, onde como a própria autora descreve como:

“que a definição de cinema-processo se enderece a filmes, como *Corumbiara*, nos quais se note que o que muda ao longo do filme não é apenas a cronologia dos acontecimentos narrados posteriormente, mas o próprio campo de visibilidade (e invisibilidade) subjacente aos diferentes modos como o filme constitui a cena.”

A configuração é percebida pela autora devido aos recortes temporais presentes em *Corumbiara*, e que na visão da autora:

“[...] convocam experiências em que confluem cena e vida, em que as divisórias são porosas, em que o controle (sobre a cena) nem sempre é possível, em que o filme está a serviço ou inventa, no corpo-a-corpo com experiências que não domina totalmente, o seu singular movimento.”

E onde Alvarenga e Belisário acrescentam que:

“[...] no cinema-processo a cronologia dos acontecimentos que o filme abarca é colocada em cena dando relevo para as transformações vividas pelos sujeitos nele (e por ele) envolvidos, para os novos contextos que eles enfrentam em cada momento e para as novas formas que o filme assume a partir daí.”

Contudo, Mesquita salienta que os filmes processuais “intervêm e alteram, participando da mudança”, como ocorre em *Corumbiara*, pois, é com base nas atuações e o registros presentes na filme documentário, que se comprovam as existências dos indígenas, e assim são assegurados seus direitos com a terra e o modo de vida. E, dessa forma também se identificam os atores sociais e suas motivações, onde aqui se projetam no conflito gerado a partir do projeto POLONOROESTE (Programa integrado de desenvolvimento do Noroeste do Brasil), em que este como citado anteriormente, consiste em “civilizar a amazônia” e levar o desenvolvimento, vale de destaque a participação do Banco Mundial no projeto, onde este, com todo seu poder e influência se coloca em defesa dos povos indígenas, quando a partir das filmagens registradas pela equipe de Vincent. O que se evidencia com isso é a construção da narrativa acerca da Amazônia, como “inferno verde” e a “terra sem história”, desconsideram a existência da vida indígena na região, e a coloca como algo a ser conquistado, subjugando a natureza, e a transformando em um entrave ao progresso e desenvolvimento. A cosmovisão para com a Amazônia e seus habitantes é reproduzida pelo diretor, onde em reportagem veiculada na emissora Globo, pelo programa Fantástico, em que nesta os habitantes da

Amazônia, e em especial os indígenas encontrados na expedição de Vincent, são representadas como habitantes exteriores à Amazônia, deslegitimando os indígenas, apontando-os até como exteriores ao planeta. Isso demonstra que o discurso dominante é o de colonizador, reproduzido na matéria, confeccionando o imaginário popular, e alimentando o contraste entre indígenas e o desenvolvimento civilizatório.

Contudo, já em *O Território*, Alex Pritz opta por proporcionar a construção em conjunto ao povo Uru-eu-wau-wau, contrastando aos colonos e seus jagunços, possibilitando a apreensão da perspectiva indígena e a perspectiva dos invasores e suas motivações. O filme tem a sua gravação no decorrer de 3 anos, entre 2019 e 2022, e que nesse período o país, sob o governo de Jair Bolsonaro, ao estimular os conflitos, flexibilizando as leis, e sucateando os órgãos de fiscalizações e qualquer órgão que tinha como princípios a proteção ambiental. O governo de Bolsonaro somou 31.000km<sup>2</sup> desmatados, segundo dados do Inpe, e também acumulou invasões em terras indígenas com aumento em 137%, de acordo com os dados levantados pelo Conselho Indigenista Missionário.

Ao “passar a boiada”, Bolsonaro interfere diretamente na vida não só de comunidades originárias e tradicionais, e por conta disso, a única saída encontrada por tais comunidades acaba por vir de fora do Estado brasileiro. É, e foi através de sanções e medidas coercitivas advindas do exterior que coibiram em certa medida as ações do então presidente. A conduta exercida por Bolsonaro, enquanto presidente e “influencer” conduz a sociedade civil a desbravar a natureza de maneira antropocêntrica, subjugando-a e explorando ao seu limite, como também ao embate entre indígenas e não-indígenas em busca de “um pedaço de terra” como representado no papel de Sérgio, pequeno colono apresentado na obra. Interessante notar também, a perspectiva apresentada por estes pequenos colonos, em que essa mostra a “falsa esperança” introjetada pelo discurso bolsonarista, onde se consiste em prometer terras para pessoas sem terra, como se isso fosse uma revogação de justiça, para um povo injustiçado. O discurso levará a população a destinar um ódio às comunidades indígenas de tal maneira que colocam estes últimos como detentores de um “privilegio” indevido e injusto, ao se “ter a terra”, como também a de não “aproveitar melhor/rentavelmente” a terra.

*O Território* apresenta para além da figura de Bolsonaro e a sua influência, a cosmovisão indígena, representado na figura de Bitaté, juntamente com seus parentes e destacando também a ativista Neidinha Suruí, entre cortes que vão do cotidiano dos Uru-eu-wau-wau, em meio a brincadeiras e conversas, e a brava e exaustiva atividade de resistir diante do perigo e ameaças crescentes do neoxativismo. É em meio aos avanços desordenados e estimulados por Bolsonaro, que Bitaté herda a liderança, quando Ari Uru-eu-wau-wau é assassinado por um dos invasores. O jovem como novo líder de sua aldeia tem então a missão de preencher o espaço deixado por Ari, passa a exercer e também preencher a função de “fiscalizador” de suas terras uma vez que a inoperância intencional, realizada pelo presidente, como citada acima. E é com o auxílio dos drones e demais equipamentos de registro e monitoramento que os Uru-eu-wau-wau têm resistido.

É com base em tal análise fílmica, tecida à luz da sociologia ambiental e, em específico nos conflitos socioambientais contidos nas películas selecionadas a partir do recorte espacial, do estado de Rondônia na Amazônia. Encarrega-se dessa forma a identificar os atores sociais envolvidos nos conflitos ambientais, que como objetivo da sociologia ambiental é os espaços de conflitos criados na natureza, ignorando a multidiversidade

territorial e cultural. Aliando a abordagem fílmica na qual contém a sua importância enquanto representação material destes conflitos em tempos distintos, mas conectados pelo mesmo processo colonizador do mundo globalizado.

### **Considerações finais**

O trabalho conclui dessa forma que, com o advento da tecnologia na causa indígena, esta se mostrara uma valiosa aliada. E o resultado dessa relação é e pôde aqui ser objeto de pesquisa do material riquíssimo em sua história e análise de suas nuances diante dos ciclos econômicos, que os encara com ganância e grande potencial econômico a ser minerado. Destaco também os processos nos quais ocorreu e ocorre a colonização relacionadas nas duas películas aqui abordadas, leiloando e beneficiando o latifúndio representado em Corumbiara, e em O Território a colonização se apresenta ideologicamente neoliberal, ou como versado por Garzon, Silva e Ribeiro um “neoextrativismo” usado para a análise comparada do período contemporâneo e conterrâneo ao documentário.

A alienação ideológica que leva a pessoas como Sérgio, representado no documentário, concretiza as contribuições de Marx, em que o estranhamento do homem com a natureza e com o próprio homem, pois ao não se perceber enquanto um ser participante da natureza, e, principalmente como dependente da natureza. E, de como é tamanha a importância da natureza na cosmovisão indígena, a sua participação em coletivo e seu entendimento da vida em harmonia com a natureza, construindo futuros possíveis.

Para além disso, foi possível a percepção do discurso inflamado usado por Bolsonaro e o como ele é recebido e incorporado pela sociedade civil. Passando também pelo imaginário construído acerca da criação da Amazônia e sua imensa riqueza agro-minero-energia a ser metabolizada pelo capitalismo espoliativo de apropriação e acúmulo. Percebe-se então a perpetuação da imagem criada a partir de El Dourado, e das mulheres guerreiras descendentes das Amazonas na terra. Um imaginário produzido na colonização que insiste e persiste até os dias de hoje, que toma a Amazônia como um lugar para os destemidos pioneiros desbravar e civilizar, levando o desenvolvimento que acaba por ser desigual, dependente e conflituoso aos seus habitantes.

### **Referências**

- CHAGAS, Afonso; HECKTHEUER, Pedro; HECKTHEUER, Fabio. O discurso da internacionalização da amazônia: do imaginário das narrativas à racionalidade instrumental dos projetos. Novos Estudos Jurídicos - Eletrônica. Vol. 22-n.3 - set-dez 2017. Disponível em: [\(99+\) O Discurso Da Internacionalização Da Amazônia: Do Imaginário Das Narrativas À Racionalidade Instrumental Dos Projetos | afonso maria chagas - Academia.edu](#)
- GARZON, Luis Fernando; SILVA, Daniele; RIBEIRO, Maíra. Desmatamento como sinalizador de estratégias empresariais entrelaçadas e de intensificação dos conflitos socioambientais na Amazônia: novas ameaças às terras protegidas em Rondônia (2018). Periódico: 20º Congresso Brasileiro de Sociologia, UFPA, Belém, PA. 2018. Disponível em: <https://www.sbs2021.sbsociologia.com.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhc>

[mFtcyI7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSVZPIjtzOjQ6IjQ2OTMiO30iO3M6MToi aCI7czozMjoiZTlhYzYyNmVhYzgzNWNlZjZjMmM3OTRIN2QxMjIjYzkiO30%3D](http://mFtcyI7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSVZPIjtzOjQ6IjQ2OTMiO30iO3M6MToi aCI7czozMjoiZTlhYzYyNmVhYzgzNWNlZjZjMmM3OTRIN2QxMjIjYzkiO30%3D)

ALVARENGA, Clarisse; BELISÁRIO, Bernard. O cinema-processo de Vincent Carelli em Corumbiara. Limiar e partilha: uma experiência com filmes brasileiros, 2015. ISBN 978-85-62707-71-1. Belo Horizonte/MG: SELO PPGCOM/FAFICH/UFMG (Olhares Transversais). Disponível em: [\(99+\) O cinema-processo de Vincent Carelli em Corumbiara | Bernard Belisário and Clarisse Alvarenga - Academia.edu](#)

ALONSO, Ângela; COSTA, Valeriano. Por uma sociologia dos conflitos ambientais no Brasil. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2002. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/gt/20100930023420/7alonso.pdf>. Acesso em: 07/03/2018.

ASCELRAD Henri (Org.). Conflitos Ambientais no Brasil. Rio de Janeiro: RelumeDumara, 2004.

CASETTI, Francesco. CHIO, Di Federico. Cómo Analizar Un Film. Buenos Aires: Paidós, 1991.

CHAVES, Maria do Perpetuo Socorro; BARROS José Fernandes e FABRÉ, Nilda. Conflitos Socioambientais e identidades Políticas na Amazônia. Achegas.net, v. 37, p. 42-57, 2008. Disponível em: [http://www.achegas.net/numero/37/maria\\_37.pdf](http://www.achegas.net/numero/37/maria_37.pdf) Acesso em: 07/03/2018.

FLEURY, Lorena Cândido; ALMEIDA, Jacione e PREMEBIDA, Adriano. O Ambiente como questão ecológica. Sociologias, Porto Alegre, jan/abr 2014.

FERNANDEZ, Ana Maria. Conflitos ambientais no Brasil. Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 1-7, abr. 2006. ISSN 1807-1384. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/746/10828>.

KITAMURA, Elisabeth. Cinema e Educação: o conflito socioambiental na representação filmica de Adrian Cowell. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas: Papirus, 2005.

### **Referência filmicas**

CORUMBIARA. Direção: Vincent Carelli. Olinda: Vídeo nas Aldeias, 2009. 1 DVD (117min).

O TERRITÓRIO. Direção: Alex Pritz. Brasil, Dinamarca: National Geographic, 2022. (83min).